O CEARÁ

— E A —

PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

I

Um episodio do 16 de Novembro de 1889

Amigo e Snr. Antonio Salles.

Acabo de ler o seu artigo de hontem, publicado no «Correio do Ceará», sobre a promulgação da Republica neste Estado. E' deficiente. Não diz tudo o que se passou em tal dia, no Passeio Publico, antiga «Praça dos Martyres».

Venho, pois, subministrar-lhe umas achêgas com que posso contribuir para a verdade historica do facto. Ellas me dizem respeito, mas têm valor psychologico para o estudo dos nossos homens e das nossas coisas.

No dia 16 de Novembro de 1889, convidado por Catunda, meu companheiro de palestras scientificas, juntamente com elle me dirigi para o Passeio Publico, logar determinado previamente para a proclamação da Republica no Ceará, ou melhor para a sua adhesão ao movimento revolucionario, que agitava o paiz no seu principal centro. Ahi chegando, encontrei, á sombra das arvores, diversas pessoas, dispersas em grupos, sem

a agglomeração confusa e tumultuaria, propria das multidões ávidas de movimento e impetos.

Em um dos bancos longos, que margeiam a avenida central, estava em repouso uma nossa Bandeira com a haste respectiva, notando-se que, em vez da Corôa Imperial, que nella existia, haviam sobreposto um barrete phrygio, feito de baêta vermelha.

Trocámos algumas palavras com o major Manoel Bezerra acerca do assumpto da reunião de que era elle o principal iniciador e promotor, e o mesmo nos disse afinal:

—«Esperem um pouco; já venho».

E saiu, precipitadamente, pelo portão, que defronta com o Quartel.

Pouco depois, pelo mesmo portão, entra, trazendo em sua companhia o tenente-coronel Luiz Antonio Ferraz, commandante do batalhão aqui estacionado, e o capitão de engenheiros dr. Pretextato Maciel.

O Ferraz vinha pallido, muito pallido, abotoando ainda o dolman, signal de que o tinha vestido ás pressas. Bezerra, apresentando-o, em gesto senhoril de conductor de homens, declarou, voz altisonante:

—«Eis o nosso primeiro Governador!»

Achava-se ahi tambem, na mesma occasião, um celebre cavalheiro de industria espanhol, conhecido por CATALÃO, o qual, immediatamente, sem tir-te nem guar-te, se apoderou da Bandeira referida e, empunhando-a, sôlta aos beijos da brisa maritima, que então soprava, bradou violentamente:

—«Viva a Republica!».

Similhante «viva!», partido da bocca de CATALÃO, bocca sem duvida acostumada á cultura da mentira e do sophisma, echoou-me na alma como si fosse o estertor de um moribundo, quando não passava de um «Evohé» de bacchante ebrifestiva.

Fiquei—confesso—completamente atordoado, como que sendo victima de uma illusão morbida. Mas, voltando a mim mesmo, num relampago de reflexão, comprehendi tudo, na sua realidade, e disse para Catunda:

—«De uma Republica que tem por seu primeiro governador o Ferraz, e, por gonfaloneiro o CATALÃO eu não posso fazer parte...»

E como um raio, que o era de indignação, retirei-me para minha humilde casa e, lá chegando, apoderou-se de mim uma tristeza tal que ainda hoje a experimento, qual si ella estivesse agarrada ao meu ser como um perenne cingidouro mortificante.

Preciso, como nota elucidativa imprescindivel, explicar a minha repulsa e indignação pela escolha do tenente-coronel Ferraz.

Alguns dias antes da proclamação da Republica (mathematicamente não posso precisal-os), entrando eu na Drogaria do coronel Guilherme Rocha, lá encontrei o tenente-coronel Ferraz, e, conversando acerca dos acontecimentos que se iam produzindo na antiga Côrte, onde o então Chefe de Policia dr. Basson prohibia dar vivas á Republica e tocar a *Marselhesa*, disse para o referido tenente-coronel:

—«Idéa perseguida é idéa triumphante... Nós, os republicanos, precisamos de sua espada».

O Ferraz sentiu-se injuriado de modo insolito, e vociferou imprecações mil contra os republicanos e a Republica, usando até de um calão fescenino, improprio de sua idade e posição militar, o que me fez temer uma aggressão material. Pedi desculpas e sahi, cheio de apprehensões, maldizendo os homens e descrendo do nosso futuro.

E era Ferraz o homem, que o sr. major Manoel Bezerra indicára para ser o nosso primeiro Governador...

A's tres horas da tarde, mais ou menos, do dia 16 de Novembro, achando-me eu em casa, com a alma immensamente torturada por ver assim comprehendido o ideal de minha mocidade, por que tanto e tão renhidamente batalhára na imprensa e na tribuna, eis que dois soldados me procuram, dizendo que o sr. major Manoel Bezerra exigia o meu comparecimento ao Quartel General e que eu fosse logo, e que ambos tinham ordem de acompanhar a minha pessoa.

—«Onde é o Quartel General?» interroguei. Responderam-me:

—«Está installado na casa de moradia do major Bezerra, defronte do Passeio Publico».

Sem perda de tempo, procurei o tal Quartel General, seguido pelas duas praças, que traziam espadas á cinta. Eu pensava que alguma coisa se tramava contra mim, em virtude de minha abrupta retirada da manifestação publica. Julgava-me um preso.

Chegando ao Quartel, fui recebido pelo major Bezerra, que se adiantou dizendo-me que estava eu convidado para ser o Chefe da Segurança Publica e pedindo-me que entrasse no exercicio do cargo, desde logo. Explicou, então, que as duas praças que me tinham acompanhado não passavam de minhas ordenanças. E adiantou que contava com os meus serviços na conjunctura dominante, que requeria um republicano sincero e conhecedor das nossas coisas.

Recusei, cabal e peremptoriamente, de modo irrevogavel. e, sem mais delongas nem tergiversações, voltei para o meu lar, onde tenho vivido até hoje obscuramente, sem ambições e sem velleidades, cada vez mais triste, da tristeza que se apoderou de mim no dia 16 de Novembro de 1889...

Quando dava as costas (é um episodio que cumpre lembrar), passava defronte o Cel. Valdemiro Moreira e, chamado pelo Major Bezerra, este, com a usual interjeição, muito nossa, um mero *psiu* !, confiou-lhe a missão a mim reservada e recusada e que eu, de forma alguma, poderia acceitar, sem o sacrificio da minha dignidade e da minha altivez de republicano offendido por quem se achava guindado ao pincaro, sem asas de aguia, e sem que nada o justificasse, a não ser o seu caracter militar de commandante de batalhão.

Em politica, não acredito em conversões subitas, por um milagre de civismo. Em politica, não há estradas de Damasco e nem Paulos. De um ruim mouro não se faz um bom christão, diz o rifão, e é certo.

Invertendo e paraphrasando, digo, tambem que

de um bom monarchista não se faz siquer um ruim republicano. Não se concerta sêda com estôpa...

O Passeio Publico está topographicamente implantado na *Praça dos Martyres*. Denomina-se Praça dos Martyres por terem sido ahi executados diversos republicanos, revolucionarios, quasi no ponto onde hoje se tocam tangos e valsas languidas, esquecidos como os contemporaneos se mostram das victimas ahi immoladas. Fui tambem, na mesma praça, executado moralmente nas minhas idéas e nos meus sentimentos de republicano propagandista das «Palavras de um Reaccionario», dos «Peregrinos da Democracia», do «Tiradentes», do «Barrete Phrygio» da «Tribuna do Povo», da «Voz da America» e de creador do Club Republicano, precursor do grande Club Central, do Rio de Janeiro.

Fica aqui a verdade, sahindo toda núa a intemerata do poço das coisas realizadas, sem roupagens e nem artificios apparatosos, impondo-se pela sua plastica simples, correcta e casta.

A historia é uma plastica; é a arte de modelar e esculpir as figuras dos tempos, de reconstruir as coisas que passaram, dando-lhes as suas formas reaes e verdadeiras.

A Republica nasceu, morreu. O nosso dever actual é operar o milagre da sua resurreição e consequente ascenção. Que vão para a gehenna eterna da maldição da Patria todos os seus aventureiros e exploradores com todas as suas competições pessoaes e differenciações facciosas.

A Republica precisa de republicanos para se realizar, para se valorizar, para se engrandecer. Precisa de republicanos e não de publicanos.

O que nos desola não é o *deficit* orçamentario de todos os annos, é o *deficit* de patriotismo, cada vez mais avultado; não é a inflacção do papel fiduciario, é a inflacção das nossas miserias publicas.

Temos uma natureza riquissima; mas, de caracter temos pobreza, somos miserrimos.

Temos café, mas não temos fé, nem nos homens e

nem nas instituições, de modo que a nossa Constituição, em vez de ser, como é, o euchiridio da mais pura e liberrima religião politica, é tida e havida como si fosse um repertorio de cançonetas para ser trauteado por mulheres faceis de *cabaret* barato, nos vortices bizarros de uma valsa da choreographia dos apaches.

E' uma confissão dolorosa, que causa pudor e provoca lagrimas.

Libertemos a Republica, que é uma coisa santa, das suas influencias sacrilegas.

Não confundamos a democracia, que é o governo do povo, em toda a plena e integral soberania, com a demonocracia, que é o dominio infernal dos espiritos maus dos partidos politicos.

Não comprehendo uma Republica de negocismo, de transacções, de chatinagem, de barataria, de *dou-te* quando no poder para que *me dês* quando estiveres no poder...

Não comprehendo uma Republica de barganhas, de bohemios e de saltimbancos, de estofos versicolores de arlequins e formulas magicas de *saludadores*.

Chicanice, ciganice e tagarellice—eis a tripode das nossas pythonisas politicas, cujos oraculos podem ser catalogados no registo da mythomania.

Acredito na Republica, ainda não feita, como, apezar de velho, acredito no futuro, que é dos moços e que, como ella, tambem está por se fazer. São os fugentes, os longes de um quadro apenas concebido.

Deante do severo tribunal da consciencia nacional, o meu gesto de repulsa há de ser reconhecido como a expressão de um dever moral e satisfação, ao mesmo tempo, de um dever patriotico.

Ainda mantenho pura e ardente a chamma immaculada da lampada sagrada das minhas crenças e idéas, que me aquece o coração e illumina o meu espirito, nutrido pelo oleo santo de todos os meus sentimentos.

Há uma certa espiritualidade e uma certa religiosidade nas crenças e nas idéas.

Aqui fica a verdade. Nada de palavras inanes, nada de ambages, circumloquios ou euphemismos.

Deante dos olhos cupidos de observação, devemos ter uma planura extensa, uniforme, sem altos e nem baixos, sem asperezas e nem obices, para que a possamos perlustrar sem fadiga e sem esforço, em bem dos mais elevados e nobres interesses, que a justiça exige da nossa consciencia e do nosso patriotismo.

Não perdi a fé no ideal, que me conforta e alenta.

II

NOVISSIMA VERBA

Alguem, que totalmente desconheço e que se confessa meu admirador, ha longos annos, e lamenta não ter sido eu devidamente recompensado pelos meus serviços prestados á Republica na imprensa e na tribuna, numa carta firmada por um cryptonymo, pergunta-me, solicitando mil desculpas: a sua narração do acontecimento da proclamação da Republica, nesta terra, inserta no «Correio do Ceará», está carregada de côres sombrias? a sua recusa para o lugar de chefe da segurança publica só obedeceu ao motivo exposto?

Responda-me pela imprensa, preciso a ratificação solemne de sua palavra, pois a sua referida narração deve servir de base a um trabalho, em gestação, que virá á luz brevemente e então saberá quem eu sou, tributando-lhe sempre sincera homenagem pela sua illustrada e indefessa propaganda e dando-lhe o merecido lugar de direito no movimento prodromico que se operou no paiz, que lhe deve reconhecimento e gratidão.

Não causem extranheza as minhas duas perguntas. Explicar-me-hei na publicação do meu trabalho.

Respondo, como pede o meu desconhecido, pela imprensa, e só pela imprensa devia fazê-lo, já que a imprensa foi o meu principal campo de batalha, em

tempos idos, esquecidos sem duvida, e que só voltam nas minhas recordações e na minha saudade e cuja esperança sumiu-se no barathro da descrença dos homens e das coisas; devia fazê-lo só pela imprensa, que foi a incude em que bati o ferro candente ao rubro dos meus principios e idéas republicanas para afeiçoá-lo, tornando-o ductil e malleavel, numa obra util e bôa.

Baldado intento! mallogrados esforços!

Affirmo de novo, reaffirmo e confirmo tudo quanto disse na carta aberta dirigida ao sr. Antonio Salles. E' a verdade, em toda a sua nudez, em toda a sua plenitude, em toda sua integridade. Nada accrescentei, nada diminuí do que se passou infelizmente.

O acontecimento, é certo, teve algum traço epico, os teve tambem tragicos e comicos. Produziu enthusiasmo, imprecações, epinicios, apostrophes e risos. O grotesco surgiu, como surgem os Gavroches em taes occasiões.

Deploro que todos quantos commigo estiveram tenham fallecido. Sou um superstite.

A minha palavra, porém, permanece inteiramente viva e flagellante, não morreu ainda para gritar a verdade e gritar alto para que seja ouvida como um protesto.

Não valem a pena discussões infructiferas, de um que diz—sim e de outro que diz—não. No caso, são contrarios identicos, usando de uma phrase hegeliana. Digo isso, prevendo divergencias ou contradições, que até agora não appareceram.

Por mais, porém, que queiram deformar as coisas, sempre me restará uma palavra erguida como um clamor.

A verdade é amarissima, mas dá vida e vida immortal; a sua contraria é dulcissima, mas é toxico que dá a morte e morte ingloria.

Não tenho e nunca tive a vaidade pueril dos que

se deixam seduzir por simples nugas, que só têm significação no glossario das baixezas e nem por gloriolas que se apanham nas ruas e nas praças como os trapeiros com o seu gancho e a sua alcofa.

Conheço bem o cacarejar da gallinha, quando põe o ovo, e o grugujar do perú quando faz a roda.

O que narrei, *sine ira et studio*, é a expressão da verdade, que póde ser archivada como um documento synthetico nos archivos sagrados da Historia.

Nenhum elemento estranho introduzi; e nem me deixei guiar por nenhuma paixão menos nobre e nem tão pouco por nenhum interesse vil.

A minha recusa formal, rapida e incisiva, fulminante, mesmo, para o lugar de chefe da segurança publica fundou-se exclusivamente no motivo exposto; e tão poderosa influencia exerceu sobre mim que dahi por deante recusei sempre peremptoriamente todo e qualquer cargo que se me offerecesse.

Não sou, como muitos, que entendem que o republicano deve ser uma especie de Jerôme Paturot em procura de posições politicas, ambiciosos, fatuos e nullos, que julgam merecer tudo quando nada merecem, méros vedetas de cartazes funambulescos, figuras espaventosas de reclamo de panacéa, pyrilampos que querem ser sóes.

Recusei, em 1895, o lugar de chefe de segurança publica, do Amazonas, na vaga que ia ser aberta com a nomeação do dr. Abel Garcia para desembargador; recusei ser nomeado professor de sociologia e moral, cadeira que espontaneamente me foi offerecida pelo dr. Bezerril Fontenelle, que desejava creá-la; recusei, por diversas vezes, o convite do meu distinctissimo e intimo amigo dr. Nogueira Accyoli, de ser deputado estadual; recusei, préviamente, emfim, um logar de deputado federal, quando o mesmo dr. Accyoli, em conversação particular, declarou-me que eu devia ser eleito, em uma das proximas legislaturas, causando-lhe a minha recusa temporã uma verdadeira surpresa desagradavel, de modo a me dizer terminantemente que

se achava assim na impossibilidade, apezar de sua bôa vontade e desejo, de me offerecer qualquer coisa, temendo a minha systematica negativa.

Não se conclúa dahi que sou um puro abnegado, um desprendido ultra, não. Era o pundonor que me obrigava a assim proceder, sacrificando interesses de tanta valia, todos em conflicto. Sentia dentro de mim um quer que fosse que irresistivelmente dictava as minhas recusas, que não era nenhuma nympha Egeria e nem tão pouco um paracleto.

Não sei se taes impulsos incontidos vinham da consciencia, do coração ou de ambos, dominados pela disciplina do dever e pelas inspirações do ideal, que ainda mantenho acceso como um fogo sagrado.

Comparo-me sempre com aquelle celebre remador do poema, condemnado a ver proximo o porto e não poder nunca varar-lhe as praias com o seu batel.

O que me dóe, o que me angustia em extremo é encontrar-me, já velho, na contingencia de assistir, com o coração dilacerado e na inercia de um vencido, sob a espada de Brenno, ao desabamento continuo da Republica pelos camartellos das falsidades, das insidias e das felonias e sob cujos escombros, accumulados todos os dias, vão sendo sepultados o nosso caracter de homem e a nossa dignidade de povo digno de ser livre.

No interesse da verdade não devemos consentir que as lendas se estabeleçam no dominio das realidades. Devem ficar onde devem, no dominio das ficções ou dos maus sonhos.

A nossa Republica, como republica propriamente dita, é uma super-maxima mentira, consubstanciação de todas as mentiras e mentirolas, que embellecam as multidões avidas de commoções.

Não é o bello politico, na arte de governar pelo bem e pela verdade. E' uma fraternidade cheia de cainitas, uma liberdade cheia de servilismos, uma igualdade cheia de ridiculas superioridades. E' um pequeno que se considera uma majestade, um anão de pé numa montanha. E' uma republica artificial, mecanica

sem alma Não é a republica natural, a que encerra em si, como num seio de mãe, a democracia pura. E' a republica rebaixada ás miserrimas condições de uma legitima autocracia. E' a republica invertida, pervertida, paradoxal, heterodoxal, de anomalias singulares e de singularidades anomalas, de contrastes, de abuzões, subvenções, explorações e diversões, feitas não por apostolos e sim por apostatas, por uma especie de deus ex-machina. E' um orgão sem a sua funcção propria e que, por uma aberração ou desvio teratologico, exerce uma funcção vicariante, heteroclita.

A republica tem a sua ethica, o seu ideal de belleza, o seu dever fundamental, a sua funcção social de procurar e realizar a felicidade do povo pela liberdade, animado por um espirito moral de verdade e justiça que lhe confere a unidade no bem geral.

Não é feita para servir um pequeno numero, como queria Cezar que a humanidade fosse feita.

A republica só é republica quando é de todos e para todos.

E' a opinião geral das intelligencias e das vontades, concretizada ou melhor crystallizada numa synthese organica e definitiva; o equilibrio harmonico das forças sociaes produzindo a unidade politica que determina a norma da directriz das nossas acções de cidadãos. E' o direito que restaura, a justiça que reivindica, a solidariedade que generaliza, a liberdade que irradia e a democracia que se revela.

A verdadeira republica é aquella que aproveita a todos os cidadãos. E' a felicidade politica—emitto aqui um pensamento de Emerson.

Christianizemos a republica pelo dever moral e pelo sentimento juridico. Ella assim será salva e então realizará os seus grandes destinos, desprendendo-se dos tentaculos do polvo da politicagem, que a tolhem e asphyxiam.

Acreditemos na vinda de um Mussolini, acreditemos nos homens providenciaes.

Tenho a comprehensão dos factores culturaes que

determinam a grandeza de um povo, na vida politica, arrancando-o do cahos da anarchia para o mundo da democracia, que tem por polos—o direito e a justiça —através da paz e do trabalho.

Na nobiliarchia é uma grande honra remontar-se aos Cruzados; a minha heraldica tem a sua origem na cruzada da propaganda republicana. Os pergaminhos da minha nobreza historica são as paginas dos jornaes e pamphletos, que então redigi e foram espalhados, como sementes, pelos ventos liberrimos da imprensa, a maior e quiçá a mais fecunda creadora do progresso e da civilização.

Não sou e nem serei jamais uma reacção, mas sou e serei sempre um protesto vivo.

Baseio-me no consolidado, no facto, no que é concreto, tangivel, visivel, no horror á mentira que é sempre o que ennegrece todos os valores, transformando-os em um estado fluido plasmavel á vontade. O facto é sempre forte. O mais é rhetorica pantafaçuda e barulhenta, de espectros tremebundos e horripilantes, para apavorar os tibios e os timidos, os invertebrados, e os amorphos.

A palavra republica sôa hoje aos meus ouvidos como se fosse o echo de um valle, á hora mysteriosa do crepusculo, que o sino de uma ermida longinqua envia á maneira de uma plangente endeixa ou de uma elegia de tristeza infinita.

Nós os leaes e sinceros republicanos, que nos batemos pelo advento da republica, somos como as mulheres de marinheiros, as quaes, de pé nas margens do oceano, olhos fixos no azul do horizonte intermino, vendo apenas em cada sombra, que fluctua ou em cada tom que se esbate, a realização de seu objectivo, passam assim horas indefinidas, esperando e esperando sempre, sem nada chegar, na soidão merencoria das desillusões, com a prece nos labios e a saudade no coração.

Neste immenso oceano, que é a patria, ainda não avistámos e nem distinguimos, nos longes fugidios, o

navio que desejamos, carregado de promessas mil, objecto amantissimo de nossas luctas, aspirações e esperanças.

E esperamos com todas as esperanças, que não se realizam e que vão surgindo e desvanecendo-se, umas após outras, como visões de sonho de uma noite de descrença.

JULIO CESAR DA FONSECA FILHO.